

---

# Multilingüismo e contato de línguas

Hildo Honório do Couto

## **Resumo**

*O artigo discute a questão do multilingüismo e do contato de línguas no Brasil. Inicialmente, apresenta uma tipologia dos diversos tipos de contato e alguns de seus resultados possíveis, como pidgins e crioulos. Discute também a questão da criouliização/não-criouliização do português no Brasil, argumentando no sentido de que não há como provar nem uma nem outra posição com os dados disponíveis. Por fim, traça um pequeno apanhado das pesquisas brasileiras sobre contato de línguas.*

*Palavras-chave: multilingüismo; contato-de-línguas; criouliização prévia.*

## 1 Introdução<sup>1</sup>

Em princípio, a questão do multilingüismo pode ser abordada de diversas perspectivas. Uma possibilidade seria atacá-la do ponto de vista de línguas que se encontram em contato em determinado território, que seria uma postura mais sincrônica, como a assumida pelo clássico Weinreich (1953). Casos ideais para esse tipo de estudo seriam as situações fronteiriças, como a que existe entre Brasil e Uruguai e entre Portugal e Espanha, que vêm sendo estudadas por Elizaincín (1987 e 1992) há várias décadas. Outro caso seria o das línguas indígenas do Parque Nacional do Xingu (cf. Emmerich, 1984), entre inúmeros outros.

Uma outra possibilidade seria assumir uma postura diacrônica e dinâmica e encarar o multilingüismo como *contato de línguas*. Nesse caso, teríamos que levar em conta não apenas o processo de contato de duas ou mais línguas mas também o resultado desse contato, como fazem Thomason & Kaufman (1988). É dessa perspectiva que tratarei da questão, no que segue.

Vejamos especificamente o caso brasileiro. Deixando de lado as línguas dos imigrantes mais recentes, como a dos italianos, a dos alemães e a dos japoneses entre outros, veríamos que o multilingüismo no Brasil apresenta duas vertentes principais: a das línguas africanas e a das línguas indígenas. As primeiras foram muito bem tratadas por Petter (2000). Talvez se pudesse acrescentar o que se fez no passado. Assim, Rodrigues (1945) afirma que a diversidade de línguas africanas no Brasil fez com que surgisse uma espécie de língua geral africana. Rodrigues (1983) acrescenta que houve pelo menos duas línguas gerais: o nagô ou iorubá na Bahia, e o quimbundo ou [língua] congoesa no norte e no sul. Por outras palavras, uma língua geral de base sudanesa e outra de base bantu, respectivamente. Amostras dessas línguas gerais podem ser vistas em Peixoto (1741), já mencionado por Petter, e em Garcia (1935).

A questão das línguas indígenas será tangenciada na seção 3, abaixo. Antes disso, porém, é preciso tratar da própria questão do multilingüismo, como ele se manifesta no contato de línguas.

## 2 O contato de línguas e seus resultados

Como mostraram Thomason (1995, 1997) e Mufwene (1997), entre diversos outros estudiosos, o contato de línguas é um processo muito comum. Apenas os seus resultados seriam incomuns. Tanto que já se fala até mesmo em "contact linguistics" (lingüística do contato), em cujo contexto a crioulistica e a pidginística se inseririam (Winford, 1998). Segundo esses autores, os resultados do contato de línguas mais interessantes são os crioulos, os pidgins, os jargões, as línguas mistas (*intertwined languages*) e as línguas indigenizadas. Um outro caso seria aquele em que uma das línguas de maior prestígio (político, militar e/ou econômico) é aprendida como L2, passando a funcionar como língua franca, ou língua geral, como nos casos já mencionados, embora a língua geral por excelência seja a de base tupi. Examinemos cada uma dessas categorias.

<sup>1</sup> Uma primeira versão deste texto foi apresentada na Mesa-Redonda "Estudos sobre multilingüismo brasileiro: conquistas e perspectivas", no GT de Sociolingüística da ANPOLL, na Universidade Federal Fluminense, em 6 de junho de 2000.

Vejam, para começar, alguns pressupostos do contato de línguas. O primeiro deles e o mais óbvio é o da Ecologia Fundamental da Língua (EFL), mostrado na figura 1. Ela parece óbvia demais mas, como disse Chomsky, às vezes é preciso surpreendermo-nos diante de fatos simples.

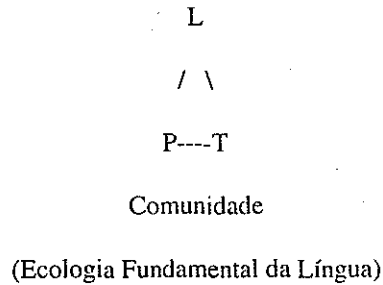


Fig. 1

De acordo com a EFL, para que surja e exista uma língua (L) é necessário que antes exista um povo ou população (P) convivendo em determinado território (T). É essa convivência em um espaço comum que leva à necessidade de interação entre os indivíduos. No caso das línguas estabelecidas, a interação se dá sem grandes problemas. No entanto, quando povos e respectivas línguas mutuamente ininteligíveis se vêem juntos em determinado espaço, a comunicação se mostra bastante difícil, se não impossível. Para que não haja conflitos constantes e o grupo não se desintegre, em grande parte dos casos os povos contatantes celebram um contrato tácito, cujos resultados mais comuns são crioulos, pidgins, jargões, línguas mistas e outros.

Na verdade, o que entra em contato diretamente não são línguas mas povos e respectivas línguas. Do ponto de vista do espaço em que o contato se dá, existem as quatro possibilidades mostradas na figura 2 (LL = língua do povo dominante, lexicadora; LS = língua do povo ou dos povos de menor prestígio, língua/substrato; T = território).

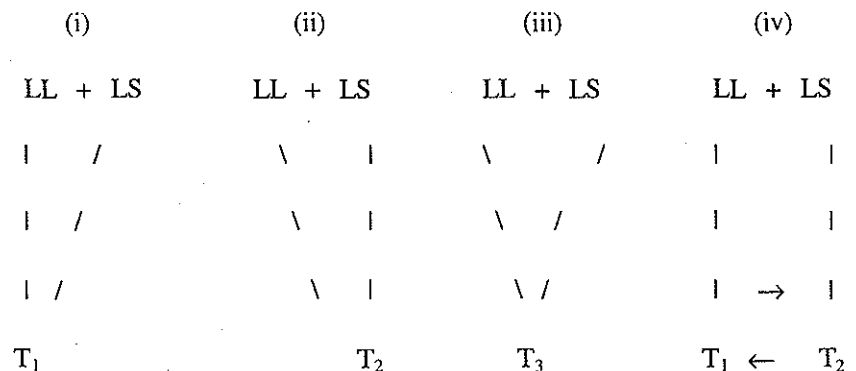


Fig. 2

Em (i) tem-se o caso em que o contato se dá no território do povo de maior prestígio ( $T_1$ ), como o dos trabalhadores estrangeiros na Alemanha, dos hispânicos nos Estados Unidos e da maioria dos processos de imigração. Nesse caso, dificilmente surgiria uma das variedades em questão no presente contexto. A médio e longo prazo, o que se dá é a aprendizagem completa da língua da sociedade envolvente. Na melhor das hipóteses, constituem-se enclaves ou ilhas lingüísticas, nas quais a maioria dos indivíduos é bilíngüe, como ocorre nas colônias estrangeiras do sul do Brasil. No entanto, da segunda geração em diante dificilmente essa ilha lingüística sobrevive, a não ser que continue sendo alimentada com novas levas de imigrantes da terra de origem, como ocorre com os hispânicos em Nova York.

A linguagem de Cafundó (São Paulo) e de Bom Despacho (Minas Gerais) também estão nesse caso. Como se vê em Vogt & Fry (1996), em Cafundó o que se tem é um caso de morte de língua, já em seus derradeiros suspiros, uma vez que apenas uma pequena parte do léxico original ainda sobrevive, mesmo assim apenas entre os mais velhos. O mesmo se dá em Bom Despacho.

Quando o contato se dá no território do(s) povo(s) dominado(s) ( $T_2$ ), podem surgir pidgins e/ou crioulos. O crioulo português da Guiné-Bissau e os crioulos ingleses da Serra Leoa (krio) e da Papua-Nova Guiné (tok pisin) se enquadram no segundo caso. São os "fort creoles" (crioulos de fortes costeiros) de Bickerton (1988). O mesmo se dá com o pidgin inglês dos Camarões e o pidgin inglês da China (já extinto), bem como com o inglês falado na Índia, o francês da África e o português da Guiné-Bissau (cf. Couto, 2000). As chamadas variedades indigenizadas (ver mais abaixo) também podem surgir nesse caso.

A terceira possibilidade, ou seja, quando o contato se dá em um território que não é de nenhum dos povos contatantes ( $T_3$ ), é a ideal para a emergência de variedades crioulizadas. Em geral, trata-se de ilhas, como ocorre com o crioulo português de Cabo Verde, o crioulo inglês do Havaí, o crioulo francês da Ilha Maurício e o crioulo espanhol das Antilhas Holandesas. A maioria deles é constituída dos chamados "plantation creoles" (Bickerton, 1988). Como a maioria dos crioulos evoluíram a partir de um pidgin, também essa variedade lingüística deve tê-los precedido nessas ilhas.

A quarta possibilidade (iv) refere-se ao caso em que os povos contantes vivem cada um em seu território. O contato se dá quando indivíduos de LL vão ao T de LS e vice-versa. Um caso claro seria o do russenorsk. Esse pidgin surgiu do contato sazonal entre russos da região do mar Branco que se deslocavam para o norte da Noruega a fim de trocar mercadorias diversas por peixe (Broch, 1927). Contrariamente ao que pretendem muitos estudiosos, esse parece ser o caso da maioria dos pidgins. Afinal, essa é a situação ideal para a emergência dessa variedade lingüística.

Um dos produtos do contato de línguas são as línguas mistas (*bilingual mixed languages, intertwined languages*). Trata-se de línguas que têm o vocabulário de uma fonte e a gramática de outra. É o caso da *media lengua* do equador (léxico espanholizado e gramática quéchua), do *chamorro* das ilhas Marianas (léxico espanholizado e gramática malaio-polinésia) e do *ma'a* ou *mbugu* (léxico cuxítico e gramática bantu), entre muitas outras. Como subconjunto delas, temos o que chamei de anti-crioulo, embora a proposta tenha sido alvo de muitas críticas (cf. Petter, 1999; Zimmermann, 1996). Alguns exemplos seriam a linguagem do Cafundó (Sorocaba, SP) e do já mencionado *mbugu* (COUTO, 1999a, p. 131-134). Essa subvariedade, constaria do léxico da língua dominada e da gramática da língua dominante. Esse tipo de língua resulta de situações as mais diversas. O *chamorro* surgiu devido à ida de espanhóis para o território de malaio-polinésios, mas o *mbugu* surgiu porque povos cuxíticos (mais fracos) imigraram no território de povos bantus, mais fortes. Bakker & Mous (1994) dedicam-se inteiramente a essas línguas entrelaçadas (*intertwined languages*).

É importante ressaltar que as variedades lingüísticas resultantes do contato quase sempre seguem o mesmo padrão evolutivo, que foi chamado por Norbert Boretzky (cf. Boretzky & Igla, 1994) de *U-turn hypothesis*. Como se pode ver na figura 3, logo após formada (e até mesmo durante o processo de formação), elas tendem a se reaproximar da língua dominante. Daí o movimento chamado de formação ser seguido de seu reverso, o de transformação.

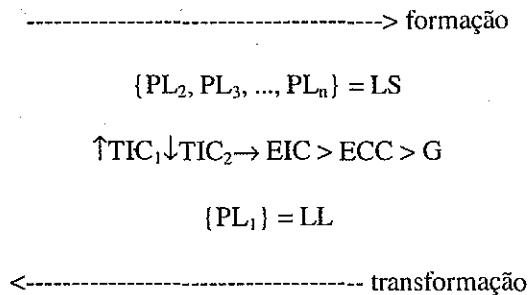


Fig. 3

Em síntese, o que o esquema da figura 3 mostra é que nos momentos iniciais do contato não há comunicação possível. O que há são apenas *tentativas individuais de comunicação*, abreviadamente TIC. Como se pode ver na *Carta de Caminha*, em situações como essa, geralmente quem primeiro se dirige à outra parte são membros do povo dominante (TIC<sub>1</sub>). O povo de menor prestígio geralmente apenas "reage" a essa solicitação (TIC<sub>2</sub>). Via de regra, essas tentativas não são eficazes, uma vez que não há nenhum código lingüístico comum. O mínimo de entendimento que pode haver (e *Caminha* se refere a alguns casos) se dá apenas por gestos e atitudes. Porém, se o contato perdurar por algum tempo, aquelas TICs que obtiverem alguma eficácia poderão se fixar em quem as usou como *es-*

*estratégias individuais de comunicação* (EIC), em geral constituídas de alguns itens lexicais (nome do T, dos povos LL e LS, ações mais comuns, pedidos, ordens, uma palavra para EU e outra para TU, dêiticos e assim por diante).

Apesar de ainda individuais, as EICs se fixam devido algum tipo de eco no outro, o que configura um início de socialização. Essa entra em cena quando algumas EIC passam a ser compartilhadas por diversos indivíduos do agregado tópico de indivíduos aloglotas, momento em que passam a ser *estratégias coletivas de comunicação* (ECC). Embora coletivas, as ECCs são ainda aleatórias. Elas são fórmulas feitas, clichês repetidos por diversos indivíduos do agrupamento, mas que ainda não estão baseadas em regras de construção de enunciados. De qualquer forma, o léxico compartilhado se expande relativamente ao momento anterior. O fato é que já há algo socializado, comunitarizado.

Caso a comunidade se consolide, o conjunto de ECCs (que era aleatório) pode se tornar um todo orgânico. Isso significa que o léxico aumenta mais ainda, uma vez que passa a ser comunitário e não apenas individual (ou de poucos indivíduos). Por serem muito repetidas, e ouvidas, das ECCs são deduzidas regras para a combinação desses itens lexicais. Com isso, temos o início do momento final de formação de uma nova língua em uma situação de contato. Isso significa que já surgiu uma nova gramática (G).

No caso da formação de uma língua crioula (*crioulização*), os instantes iniciais do contato, em que ocorrem apenas TICs, correspondem ao *momento 0* do processo de formação da nova língua, ao instante do desmoronamento das gramáticas das línguas contatantes. Quando começam a surgir EICs, tem-se o *momento 1* do processo, ou seja, o do embrião que poderá dar origem a uma nova modalidade lingüística. O *momento 2* se inicia com a socialização, ou seja, com o aparecimento de ECCs. O *momento 3*, por fim, representa o final do processo de formação de uma nova gramática (G), freqüentemente de uma língua crioula.

Mas, a força de atração da língua dominante é muito forte. Mesmo nas situações em que surge uma língua plena, como o são os crioulos, há um processo de retorno a ela, com o que a língua crioula tende a se transformar mesmo antes de se formar plenamente. Em crioulistica, esse processo tem sido chamado de *descrioulização*. Como há autores que consideram esse conceito preconceituoso, pode-se substituí-lo pelo de transformação (da gramática), continuação natural do de formação.

O que vai do final do momento das EICs aos instantes iniciais de G equivale ao que se tem chamado de *pidgin* que, para alguns autores, não passaria de um *jargão*, ou seja, um pequeno vocabulário precariamente compartilhado. O pouco de entendimento seria devido a fatores pragmáticos como o contexto da situação, além de recursos "universais" como o dos gestos.

Gostaria de frisar a importância da relação que os indivíduos mantêm com o território, como já sugerido na figura 2. Nos momentos

iniciais (das TICs e até das EICs), não há nenhum vínculo afetivo com ele. Eles sequer o conhecem. Se a convivência no referido T se mantiver, eles começam a introjetá-lo, a se vincular com ele pelo menos cognitivamente. A consequência é que da passagem das ECCs para G, o vínculo com T se intensifica, passando a haver um sentimento de que o agregado de pessoas naquele espaço não é mais apenas uma multidão heterogênea, mas um grupo organizado. É o momento da *territorialização*, que equivale a uma *comunitarização*, ou seja, ao surgimento de uma nova comunidade. Isso implica que já foram preenchidos todos os pressupostos da Ecologia Fundamental da Língua.

O que tudo isso quer dizer é que quando indivíduos estão co-presentes em um mesmo espaço (T), sentem necessidade de interagirem entre si. A interação mais comum entre indivíduos humanos é a lingüística. Se não houver uma língua comum para instrumentalizá-la, forja-se uma. É o que ocorre na formação das modalidades lingüísticas resultantes do contato.

Do momento inicial (das TICs) até o das EICs, o que se pode ter é apenas um jargão. Da passagem das EICs para as ECCs pode-se ter um pidgin que, por definição, não é língua nativa de ninguém. Isso ocorre porque seus falantes não convivem em um T próprio. O crioulo, pelo contrário, por definição é a língua principal e/ou nativa de uma comunidade de falantes, o que significa que tem um T próprio. Portanto, a diferença ecológica principal entre pidgin e crioulo é o tipo de vínculo que cada um tem com T.

Com isso, vimos o processo de surgimento dos quatro tipos de variedades lingüísticas resultantes do contato mencionados por Thomason (1995, 1997), ou seja, jargões, pidgins, crioulos e línguas duomistas, ou seja, aquelas que têm o léxico de uma fonte e a gramática de outra. Ficou faltando mencionar as *variedades indigenizadas* (indigenized varieties) de Mufewne (1997). Segundo John REINECKE (1937, p. 79), "em algumas situações, em sala-de-aula, a imposição do ensino em uma língua que os estudantes raramente ouvem, a não ser de professores que não a têm como nativa, resulta na formação de algo semelhante às línguas marginais [pidgins e crioulos]. Ela permanece anti-natural e livresca, inacurada em estrutura, nas expressões idiomáticas e na pronúncia, influenciada pela língua nativa dos estudantes, e freqüentemente restrita no léxico". A essa situação o autor dá o nome de *babu language*, partindo do inglês livresco de alguns setores da sociedade indiana. Robert A. Hall Jr. acrescenta que "o nome [é] derivado de *babu*, 'um serviçal indiano de baixo nível' (HALL, 1966, p. 9). Ou seja, o inglês indiano é uma dessas variedades, como o é também o português da Guiné-Bissau (Couto, 2000).

Reinecke continua afirmando que esse tipo de linguagem, "é altamente não-idiomático e soa como língua estrangeira, embora razoavelmente adequada". Freqüentemente, ela "é uma linguagem artificial, empostada" (idem). No caso, os intelectuais guineenses que se expressam em português, podem usar expressões artificiais, que um português ou

um brasileiro jamais usariam em uma situação de informalidade. É o caso de "atempadamente" (a tempo) e outras. Ou, então, erros de concordância, comuns na aquisição de L2, tais como "Eu tens um irmã em Portugal" (concordância sujeito-verbo e artigo-substantivo), entre inúmeros outros exemplos (cf. Couto, 1992 para mais exemplos).

Ainda segundo REINECKE (op. cit., p. 79) "em alguns lugares este tipo de linguagem torna-se um dialeto secundário falado por grande parte da população, porém quase sempre inadequadamente, como parece ser o que está começando a acontecer com o inglês em Samoa". Pois bem, como já foi dito, há toda um segmento de intelectuais e de pessoas letradas na Guiné-Bissau para os quais a língua portuguesa está nesta situação, se bem que muitos deles já se expressam muito bem em um português lusitanizado. Porém, o que vale aqui é a maioria, e essa não tem um domínio "adequado" desse português.

O crioulista Salikoko Mufwene toca na questão de modo relativamente detalhado, embora usando a expressão *língua indigenizada*, no sentido de que a língua é "adquirida pela população indígena". Como exemplos, ele cita o inglês na Nigéria, em Singapura e na Índia, "em que a língua européia foi ensinada e adotada por parte das populações indígenas como uma língua franca, freqüentemente também como vernacular de uma elite" (MUFWENE, 1997, p. 48-49). Essas "variedades lingüísticas indigenizadas de línguas européias se tornaram parte do repertório lingüístico local" (op. cit., p. 49). Aparentemente, essa modalidade lingüística nunca existiu no Brasil.

Para terminar, seria interessante incluir o contato de dialetos e seus resultados. Como mostrou o próprio Mufwene, um dos resultados mais importantes desse processo é a *coineização*. Quem desenvolveu melhor o conceito de coinê na crioulistica foi Jeff Siegel. Partindo do caso original grego, o autor define coinê como "o resultado estabilizado do amalgamento de subsistemas lingüísticos tais como os dialetos regionais ou literários" (SIEGEL, 1985). Em Couto (1996, p. 82-84), eu tentei explicar o que está ocorrendo com o português em Brasília com base nesse conceito. Com efeito, o que se nota é que todas as marcas dialetais regionais de imigrantes de diversas regiões do Brasil tendem a desaparecer ao longo do tempo.

### 3 Pidginização e crioulição no Brasil

O Brasil foi submetido a um processo de colonização muito parecido com o que se deu no Caribe, embora aqui não exista hoje em dia nenhuma variedade criouliada do português, como aconteceu naquela região com o espanhol (Antilhas Holandesas), com o francês (Haiti, várias ilhas), com o inglês (Jamaica, várias ilhas) e até com o holandês (Ilhas Virgens e outras). Por isso, muitos crioulistas se perguntam por que o português não se criouliou em nosso país. Devido à inexistência de variedades criouliadas do português no Brasil na atualidade, alguns especialistas começaram a procurar vestígios de crioulição passada em algumas variedades dialetais ainda subsistentes.



Como mostra Petter (2000), o debate começou com os filólogos, entre eles Serafim da Silva Neto, que antecipou o conceito de semi-crioulo, que será retomado logo abaixo. Entre os lingüistas, quem parece ter atacado o assunto explicitamente em primeiro lugar é Guy (1989). Logo em seguida, outros estudiosos entraram em cena, tais como Naro & Scherre (1993), Holm (1987, 1994), Baxter (1992), Tarallo (1988), Gilbert (1993), Zimmermann (1996) e Barne (2000), entre outros. Como tentei mostrar em Couto (1999a), é altamente provável que tenha havido até mais de uma variedade crioualizada do português no Brasil. No entanto, com a documentação disponível no momento não temos como prová-lo. Tampouco os defensores da tese contrária têm como prová-la. Evidências como as encontradas em Helvécia e em outras comunidades afro-brasileiras nada provam. Elas apenas demonstram certas tendências que vão na direção de fenômenos menos marcados. Nesse sentido, sempre que há uma crise na língua (contato com outras línguas, convulsões sociais, etc.), essas tendências podem vir à tona. Isso daria uma certa razão a Naro & Scherre (1993) que defendem a tese de que o que se nota aqui é apenas continuação de tendências já encontráveis em Portugal.

Como a demonstração da (não-)crioulização ficou inviabilizada, Holm (1987) levantou a hipótese de que o chamado "português popular brasileiro" (PPB) seria não um crioulo em avançado processo de descrioulização, mas um semi-crioulo. O problema com essa hipótese é que ele joga em um mesmo balaio variedades extremas, como alguns dialetos rurais e a linguagem das pessoas cultas urbanas. Uma discípula dele (Mello, 1999) também compartilha de sua opinião.

Mais recentemente, Holm (1987) tem evitado a expressão "Popular Brazilian Portuguese", tendo-a substituído por "Vernacular Brazilian Portuguese". No entanto, o problema de base continua: considerar o português falado no Brasil como se fosse um bloco homogêneo. Se ele tomasse como apoio para sua argumentação variedades extremas como o dialeto de algumas regiões rurais, talvez sua hipótese da semi-crioulização pudesse ser substanciada. É justamente isso que faz Souza (1999). Ela demonstra que a variedade mais conservadora do dialeto matogrossense (cuiabano, no caso) se enquadra na categoria do semi-crioulo de Holm, mas não o dialeto das camadas cultas de Cuiabá.

No caso das línguas indígenas, que respondem pela maior parte de nosso multilingüismo, alguma coisa já tem sido feita. Assim, a pidginização do português no Parque Nacional do Xingu foi estudada por Emmerich (1984) e outros. O volume 9, 1997, de *Papia* consta de análises dos dados coletados por ela, feitas por professores e alunos da UFRJ. Em Seki (1993), vêem-se diversas análises da questão sob a perspectiva das línguas indígenas, sobretudo da etnografia da comunicação. A organizadora do volume faz um apanhado geral da situação do multilingüismo (p. 89-117). Outros textos interessantes de fala em situação de multilingüismo são os de Guirardello (p. 351-363), Fargetti (p. 365-375) e Medeiros (p. 377-386).

Existem outras situações no Brasil resultantes de contato, como a do norte do estado do Amapá. Na reserva indígena do Uaçá, por exemplo, temos três povos indígenas, ou seja, os karipuna, os galibi (também chamados de galibi-marworno) e os palikur, que falam uma variedade de crioulo francês. Os karipuna só falam o crioulo e o português, considerando o primeiro sua língua étnica. Eles estão localizados sobretudo nas aldeias Manga, Santa Isabel, Espírito Santo e Açaizal. Os galibi, localizados na região sudeste da reserva (aldeia de Kumarumã), também têm o crioulo como língua principal, mas os do Oiapoque e os da Guiana Francesa falam a língua étnica original. Quanto aos palikur, apenas os da aldeia Flexa, no centro da reserva, falam o crioulo como língua principal. Os outros falam a língua étnica. O fato é que o crioulo (chamado de patuá) funciona como língua franca entre os povos da região, ao lado do português. Em Couto (1999a, p. 89-190) pode-se ver um apanhado geral da questão. A Universidade Federal do Amapá está iniciando um projeto de estudo dessa realidade.

#### 4 Pesquisas brasileiras sobre contato de línguas em outros países

Não poderíamos deixar de lado no presente contexto os estudos feitos no Brasil e/ou por brasileiros sobre contato de línguas e multilingüismo, e seus resultados mesclados, de outros países. Como em todas as outras seções, muita coisa deve existir além do que aqui se menciona. Eis alguns trabalhos que se enquadram na presente rubrica:

- 1) Castro, Yeda Pessoa de. *De l'intégration des apports africains dans les parlers de Bahia au Brésil*. Tese de doutorado: Unaza, Zaire, 1976.
- 2) Alkimin, Tânia A. *Les "portugais" de Ziguinchor (Sénégal): approche sociolinguistique d'une communauté créolophone*. Thèse de 3<sup>ème</sup> cycle, Paris: Université René Descartes, Paris V, 1983.
- 3) Braga, Maria Luiza. *Topicalization and left-dislocation in Capeverdean creole*. Tese de doutorado: University of Pennsylvania, 1982.
- 4) Couto, Hildo Honório do. *O crioulo português da Guiné-Bissau*. Hamburgo: Helmut Buske Verlag, 1994; *A língua franca mediterrânea: histórico, textos e interpretação* (a sair).
- 5) Guisan, Pierre F. G. *Línguas em contato no sudeste asiático: o caso do "kristang"*. Dissertação de mestrado, UFRJ, 1992.

Devido à presença de embaixadas de países estrangeiros em Brasília, na UnB temos tido a oportunidade de produzir monografias de final de curso sobre diversas línguas resultantes de contato, além de dissertações de mestrado. Entre elas, sobressaem-se as línguas das Filipinas (tagalog, visaya, etc.), o malaio, o bahasa indonesia, o afrikaans, o romani

e o jopará paraguaio, além, naturalmente, das línguas crioulas. Atualmente, estão em curso duas investigações que deverão constituir objeto de dissertação de mestrado:

- 1) Djiby Mane: investiga as variedades lingüísticas chamadas manjaco, mancanha e pepel, do oeste africano, com o fito de averiguar se são dialetos da mesma língua ou línguas diferentes. Só será levada em conta a fonologia. Um fato interessante é que elas estão em contato diuturno com o crioulo guineense, constituindo assim o que se tem chamado de *adstrato*.
- 2) Sônia Guimarães Gomes: estuda a fonologia do crioulo português de Cabo Verde. Essa língua está em contato sobretudo com o português, mas também com outras línguas da costa oeste-africana.

Quanto a mim, estou investigando a língua franca mediterrânea, em cuja constituição entraram em contato diversos dialetos árabes e, o berbere (sobretudo o dialeto cabila), com línguas do sul da Europa, principalmente o italiano, mas também o espanhol, o catalão, o francês e outras. Sobre esse tópico, já se encontra redigido o ensaio recém-mencionado (item 3b acima).

Nos últimos tempos, foram defendidas as seguintes dissertações de mestrado:

- 1) Pinto, Clarice Pereira. *A prefixação: um estudo comparativo entre o português padrão, o rural e os crioulos de base portuguesa*, 1994.
  - 2) Ramos, Ana Adelina Lôpo. *O papel do crioulo no ensino do português na Guiné-Bissau*, 1994.
  - 3) Rezende, Eliane Soares de. *A sílaba no palenquero, crioulo colombiano*, 1998.
  - 4) Vieira e Macedo, Rita de Cássia de. *O sistema fonológico do dialeto cigano romanês de Contagem (MG)*, 1999.
  - 5) Souza, Ulisdete Rodrigues de. *Fonologia do português mato-grossense: uma perspectiva crioulística*, 1999.
  - 6) Albuquerque, Marcelo. *A fonologia segmental do sranan*, 2000.
- Trata-se do crioulo inglês do Suriname, também chamado de taki-taki. Como se sabe, essa língua está em contato com o holandês (língua oficial), com o inglês e algumas línguas da Índia e línguas ameríndias.

## 5 Conclusão

A despeito das conhecidas dificuldades de acesso à bibliografia especializada, alguma coisa se tem feito no país no que tange a multilingüismo, bilingüismo, contato de línguas e seus resultados e/ou

efeitos. Nesse contexto, é importante mencionar o trabalho desenvolvido na UFRJ na perspectiva sociolinguística e as pesquisas do sul do Brasil, entre outros.

Infelizmente, situações privilegiadas como a do encontro de três línguas na fronteira do Brasil com o Paraguai (português, espanhol e guarani) não têm merecido a devida atenção. Nem mesmo o encontro de línguas indígenas tem sido satisfatoriamente estudado. Talvez essas falhas se devam ao fato de que ainda não conseguimos nem mesmo descrever as estruturas linguísticas das línguas indígenas. Só depois disso seria possível analisar as interinfluências que se dão entre elas e o português.

O contato de línguas e os correlatos de bilingüismo e multilingüismo constituem as realidades mais comuns no mundo inteiro. No entanto, o ideal de língua "pura", homogênea e compacta ainda subsiste, a despeito do fato de o pai da crioulistica, Hugo Schuchardt, ter dito que "Es gibt keine völlig ungemischte Sprache", ou seja, não existe nenhuma língua inteiramente livre de mistura. E mistura acontece devido ao contato.

### **Abstract**

*This paper discusses two questions: language contact and multilingualism in Brazil. First of all, it presents a typology of the several types of language contact, together with some of its outcomes, especially pidgins and creoles. It also tackles the question of prior creolization, arguing that it is impossible to prove being doubt whether there has been a Portuguese creole or not. Finally, it offers an overview of Brazilian researches on language contact.*

*Keywords: multilingualism; language contact; prior creolization.*

### **Referências**

- BAKKER, Peter & MOUS, Marten (orgs.). *Mixed languages*. Amsterdam: IFOTT, 1994.
- BARNE, Stesan. Existe uma língua brasileira? Uma perspectiva tipológica. *Iberomania*, n. 51, p. 1-29, 2000.
- BAXTER, Alan. A contribuição das comunidades afro-brasileiras isoladas para o debate sobre a crioulistica prévia: um exemplo do estado da Bahia. In: D'ANDRADE, E. & KIHM, A. (orgs.) *Actas do colóquio sobre "Crioulos de base lexical portuguesa"*. Lisboa: Colibri, 1992. p. 7-35.

- \_\_\_\_\_. & LUCCHESI, Dante. Processos de descrioulização no sistema verbal de um dialeto rural brasileiro. *Papia*, v. 2, n. 2, p. 59-771, 1993.
- BICKERTON, Derek. Creole languages and the bioprogram. In: NEWMeyer, Fredericck Jr. (org.) *Linguistic theory*, vol. II. Cambridge: Cambridge University Press, 1988. p. 268-284.
- BORETZKY, N. & IGLA, B. Romain dialects. In: BAKKER, Peter & MOUS, Marten (orgs.), 1994. p. 35-68.
- BROCH, Olof. *Russenorsk. Archiv für slawische Philologie*, n. 41 p. 209-262, 1927.
- COUTO, Hildo Honório do. A situação da língua portuguesa na Guiné-Bissau. *Revista Internacional de Língua Portuguesa*, n. 5/6, p.114-124, 1992.
- \_\_\_\_\_. *Introdução ao estudo das línguas crioulas e pidgins*. Brasília: Editora da UnB, 1996.
- \_\_\_\_\_. Um cenário para a crioulização sem pidginização. *Revista de estudos da linguagem*, v. 7, n. 7, p. 5-30, 1998.
- \_\_\_\_\_. The question of (prior) creolization in Brazil. In: PARKVALL, M. & HUBER, M. (orgs.) *Spreading the word*. Londres: University of Westminster University Press, 1999a. p. 177-194.
- \_\_\_\_\_. *Contato interlingüístico: da interação à gramática*. Universidade de Brasília, 1999b.
- \_\_\_\_\_. Língua babu: a propósito de *Dictionnaire bilingue portugaisfrançais des particularités de la langue portugaise en Guinée-Bissau*. *Papia*, n. 10, p.122-127, 2000.
- \_\_\_\_\_. *A língua franca mediterrânea: histórico, textos e interpretação*, 114p (no prelo).
- ELIZAINCÍN, Adolfo. *Nos falemo brasileiro*. Montevideú: Editorial Amesur, 1987.
- \_\_\_\_\_. *Dialectos en contacto: español y portugués en España y América*. Montevideú: Arca, 1992.
- EMMERICH, Charlotte. *A língua de contato no Alto Xingu: origem, forma e função*. Tese de doutorado: UFRJ, 1984.
- GARCIA, Rodoldo. *Vocabulário nagô*. Estudos afro-brasileiros: trabalhos apresentados no *Primeiro congresso afro-brasileiro no Recife em 1934*. Rio de Janeiro: Ariel Editora, 1935. p. 21-27.
- GILBERT, Glenn. *Popular Brazilian Portuguese: a convergence creole derived from a dual source*. Comunicação apresentada no Encontro da Society for Pidgin and Creole Linguistics, Los Angeles, CA, 1993.
- GUY, Gregory. On the nature and origins of Popular Brazilizn Portuguese. *Estudios sobre español de América y lingüística afroamericana*. Bogotá: Instituto Caro y Cuervo, 1989.
- HOLM, John. Creole influence on patois Brazilian Portuguese. In: GILBERT, Glen (org.), *Pidgin and creole languages: essay in memory of John E. Reinecke*. Honolulu: University of Hawaii Press, 1987. p. 406-429.

- \_\_\_\_\_. A semi-crioulização do português vernáculo do Brasil: evidência de contacto nas expressões idiomáticas. *Papia*, v. 3, n. 2, p. 51-61, 1994.
- MELLO, Heliana. Restructured Portuguese: from Africa to Brazil. In: HUBER & PARKVALL (orgs.), 1999. [Disponível na Internet: <http://www.ling.su.se/Creole/>]
- MUFWENE, Salikoko. Jargons, pidgins, creoles, and koines: What are they? In: SPEARS & WINFORD (orgs.), 1997. p. 35-70.
- NARO, Anthony J. & SCHERRE, Maria Marta Pereira. Sobre as origens do português popular do Brasil. *D.E. L. T. A.*, n. 9, p. 1-26, 1993.
- PAPIA 9: Dedicada ao português de contato do Xingu.
- PETTER, Margarida Maria Taddoni. A linguagem do Cafundó: crioulo ou anti-crioulo? In: ZIMMERMANN, Klaus (org.) *Lenguas criollas de base lexical española y portuguesa*. Frankfurt/Madri: Vervuert/Iberoamericana, 1999. p. 101-117.
- \_\_\_\_\_. *Estudos sobre a relação entre português do Brasil e línguas africanas: conquistas e perspectivas*. Comunicação apresentada na Mesa-Redonda "Estudos sobre multilingüismo brasileiro: conquistas e perspectivas", no GT Sociolingüística da ANPOLL, na Universidade Federal Fluminense, em 6 de junho de 2000.
- REINECKE, John E. *Marginal language: a sociohistorical survey of the Creole language, trade jargons*. PHD Dissertation: Yale, 1937.
- RODRIGUES, Aryon Dall'Igna. As línguas gerais sul-americanas. *Papia*, v. 4, n. 2., p. 6-18, 1996. [Disponível no "site" da UnB: [www.unb.br/il/liv/crioul](http://www.unb.br/il/liv/crioul)]
- RODRIGUES, José Honório. A vitória da língua portuguesa no Brasil. *Humanidades*, v. 1, n. 4, p. 22-41, 1983.
- RODRIGUES, Nina. *Os africanos no Brasil*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1945.
- SEKI, Lucy (org.) *Lingüística indígena e educação na América Latina*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1993.
- SIEGEL, Jeff. Koines and koineization. *Language and Society*, n. 14, p. 357-378, 1985.
- SOUZA, Ulisdete Rodrigues de. *Fonologia do português matogrossense: uma perspectiva crioulista*. Dissertação de mestrado: Universidade de Brasília, 1999.
- SPEARS, Arthur K. & WINFORD, Donald (orgs.). *The structure and status of pidgins and creoles*. Amsterdam: John Benjamins, 1997.
- TARALLO, Fernando. On the alleged creole origin of Brazilian Portuguese: untargeted syntactic change. *Cadernos de Estudos Lingüísticos*, n. 5, p. 137-161, 1988.

THOMASON, Sarah G. Language mixture: ordinary processes, extraordinary results. In: SILVA-CORVALÁN, Carmen (org.) *Spanish in four continents: studies in language contact and bilingualism*. Washington DC: Georgetown University Press, 1995. p. 15-33.

\_\_\_\_\_. A typology of contact languages. In: SPEARS & WINFORD (orgs.), p. 71-88.

\_\_\_\_\_ & KAUFMAN, Terrence. *Language contact, creolization and genetic linguistics*. Berkeley: University of California Press, 1998.

WEINREICH, Uriel. *Languages in contact*. Haia: Mouton, 1953.

VOGT, Carlos & FRY, Peter. *A África no Brasil*. Campinas/São Paulo: Editora da UNICAMP/Companhia das Letras, 1996.

WINFORD, Donald. *Pidgin and creole linguistics in the 21st century*. Comunicação apresentada no Encontro da Society for Pidgin and Creole Linguistics, New York, 1998.

ZIMMERMANN, Klaus. Der gesprochenen portugiesische Substandard in Brasilien: die These der postkreolischen Varietät. *Lusorama*, n. 30, p. 61-90, 1996.